

Há quatorze anos a SBRASH edita a Revista Brasileira de Sexualidade Humana. Era hora de mudar, na forma e no conteúdo.

A idéia é produzirmos quatro edições por ano, em novo formato e com um maior número de páginas. Novas seções estão sendo incorporadas, atendendo as necessidades de estudiosos e pesquisadores interessados em fazer circular suas idéias. Já a partir deste número, estamos também indexados na UNICAMP, junto ao Edubase e implantamos novas Normas para Publicação.

É importante que se diga que o conjunto de mudanças introduzidas na Revista Brasileira de Sexualidade não decorreram de um simples capricho. São mudanças indispensáveis para atender as normas de classificação de periódicos científicos, estabelecidas pelo Ministério da Educação por meio do sistema CAPES / CNPQ. Todos ganharemos com isso.

No âmbito da sexologia, muitas coisas mudaram também nestes quatorze anos. Nas questões ligadas à reprodução, as inovações chegam a ser surpreendentes. Técnicas de fertilização assistida se popularizaram, sendo comumente anunciadas em out-doors e a preços acessíveis para a classe média. O sequenciamento do genoma humano foi concluído, a clonagem para fins terapêuticos amplamente defendida e até mesmo a produção artificial de óvulos a partir de células tronco passou a ser um assunto presente nas preocupações de diversos segmentos sociais. A anticoncepção de emergência furou o bloqueio religioso e é amplamente difundida como alternativa para quem se descuidou e não teve uma relação sexual protegida, podendo por isso desenvolver uma gravidez não-desejada. Ter filhos passou a ser cada vez mais um ato de vontade.

Por outro lado, no âmbito do prazer, o que antes era privilégio de poucos passou a ser democratizado, facilitando o acesso de homens e mulheres a práticas e comportamentos sexuais livres de preconceitos ou interdições. Principalmente para as mulheres, o século XXI inicia-se com maiores perspectivas de realizações no campo do relacionamento afetivo-sexual.

Com aumento da expectativa de vida e a legitimação do sexo não-reprodutivo, a indústria farmacêutica adaptou-se procurando atender ou mesmo provocar novas demandas. Terapias de Reposição Hormonal, lubrificantes e cremes, antecederam os estimuladores da libido e vaso dilatadores de características diversas. Não só no campo da ação medicamentosa, mas também a nível psico e social, o prazer conquistou espaço nos corações e mentes de milhões de pessoas. Cirurgicamente é possível atender o padrão estético predominante, aumentando ou diminuindo qualquer parte do corpo. Pode-se mesmo, e faz-se, cirurgias de transgenitalização, antecedidas de rigoroso processo psico-terápico e acompanhamento jurídico. Quem já foi homem, pode ser mulher e vice-versa.

São inúmeras as transformações sociais provocadas por esse conjunto de mudanças, afetando praticamente a todos segmentos populacionais e regiões do planeta. Um costume tribal praticado do âmbito de uma pequena comunidade africana é alvo de análise e repúdio, internacional, da mesma forma que produções hollywoodianas são acusadas de corromper crianças e estimular comportamentos anti-sociais de adolescentes dos quatro cantos do mundo. É a tendência para a globalização, também presente na vida sexual e reprodutiva de todos nós.

Entre todos esses fenômenos, sem dúvida o que mais nos impacta são as novas fronteiras estabelecidas para vida e a morte. Determinar com precisão onde começa e onde acaba a vida humana sempre foi uma questão de crucial importância. Hoje, no entanto, transcende qualquer análise simplista.

O melhor desafio ganha na sociedade pós-moderna uma nova formulação. Muito mais que uma questão científica, temos diante de nós uma questão ética. E não podemos deixar de contribuir para o aperfeiçoamento da sociedade a qual todos pertencemos. Este também é o desafio de todos os sexólogos@s. Esperamos com a Revista Brasileira de Sexualidade Humana estar contribuindo para um mundo melhor.

Marcio Ruiz Schiavo
Presidente SBRASH